

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-276-0

DOI 10.22533/at.ed.760192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado.

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em

solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades.” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenúncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos

sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ISABEL O MUERTE!**: **O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA *EL CAUDILLO* (1973-1975)**, a autora Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski, busca investigar procuramos demonstrar como a revista *El Caudillo de la Tercera Posición*, mesmo não se declarando como uma publicação da direita peronista, possuía um discurso pró-Isabel e de aniquilação dos infiltrados e traidores. Seu tom ameaçador através do slogan “*el mejor enemigo es el enemigo muerto*”. No artigo **OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER** o autor ou autora CLAUDIA PEIXOTO CABRAL, buscam abordar a relação de dominação e controle, exercida pelo Estado, no contexto histórico dos protestos de junho de 2013, a partir da concepção de construção discursiva em ocorre a criação de uma imagem que instaura uma representação estereotipada discriminatória da ação coletiva e do sujeito manifestante. No artigo **A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO**, os autores Camila Cuencas Funari Mendes e Silva Mariele Rodrigues Correa Leonardo Lemos de Souza buscam analisar o envelhecer feminino na contemporaneidade. A velhice têm sua história e,

esta, é determinada em cada época e em cada cultura de forma diferente. No artigo **A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA** o autor Gabriel Pancera Aver buscou-se analisar de forma pormenorizada dois desafios enfrentados pela democracia representativa, a saber, a dificuldade de separar representantes e representados, a formação de uma elite política distanciada das massas e a ruptura do vínculo entre a vontade dos representantes e a dos representados. No artigo **A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA** a autora Érica Elisa Nickel, apresentou os resultados de pesquisa do programa de educação para o trânsito, direcionada à pessoa idosa, denominado “Boa prosa sobre trânsito” ocorrido em Curitiba, no Paraná, entre 2014 e 2016, realizado por uma organização não governamental. No artigo **A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO**, as autoras Francisca Janice Silva Ana Paula Fernandes Cunha, objetivo deste é elucidar a necessidade da implantação do pensamento complexo, para o processo de aprendizagem do coordenado pedagógico como formador de professor, na abordagem transdisciplinar. No artigo **A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA**. As autoras Andréia de Oliveira Militão e Angela Maria Sales Barros buscam trazer informações relevantes sobre a DA com ênfase à genética e aos novos avanços, coletadas, através de revisão bibliográfica, e anteriormente publicadas em revista científica e anais de congresso, foram reorganizadas e disponibilizadas de forma a facilitar o conhecimento sobre a doença, ao acesso e contribuir com pesquisas voltadas ao entendimento da doença. No artigo **A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE** a autora Amanda Rebeka Lima de Souza buscou se, no presente trabalho, compreender os modelos de gestão que são usados atualmente na regional do Alto Acre. Avaliar a dinâmica territorial é fundamental para a pesquisa. Para isso, foi necessário o levantamento de documentos, leis e projetos em escala nacional, estadual e municipal. De acordo com os resultados encontrados, as políticas públicas implantadas na regional não atendem a maior parte da população que habita ali. No artigo **A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ** as autoras Janaiára Maria de Paiva Ferreira e Sandra Maria Fontenele Magalhães buscam entender o processo de luta dos camponeses pela conquista da terra do assentamento Ubá do município de Santa Quitéria- Ceará, buscando apreender como os camponeses resolveram resistir e lutar contra a dominação dos latifundiários. No artigo **A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS**, os autores Everton Gabriel Bortoletti e Laise Ziger buscam identificar os desafios e potencialidades da participação social no Conselho Municipal de Política Cultural de Chapecó (CMPC), tendo em vista suas peculiaridades de atribuições, composição e representação. No artigo **A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR**

COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO, os autores Fernanda Penteado, Alison Diego Leajanski, Willian Samuel Santana da Roza buscam pontuar os principais fatores que podem configurar a prática da agricultura familiar enquanto possibilidade de permanência das pessoas no espaço rural, destacando alguns aspectos referentes ao êxodo rural e a sua problemática, assim, apresentar uma discussão teórica e conceitual. No artigo **A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA** busca analisar a moda não é somente a escolha do vestuário, mas está ligada a formas culturais de expressão e principalmente de linguagem. É através dela que o sujeito pode demonstrar sua personalidade, seus costumes e representar uma dada forma de ser, atribuindo significados e valores para essa ação. Acredita-se que todos esses significados englobam a semiótica e moda que dentro dessa perspectiva é vista como um produto cultural desses significados. No artigo **A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA**, os autores Isa Stavracas, Ana Lee Claudio, Rebeca Josiane Ferreira da Silva, Sandra Esteves de Camargo, Vanessa Alves Duarte de Oliveira, buscar fazer uma análise da transição vivenciada pelos alunos da educação infantil para o ensino fundamental, a fim de verificar como os níveis de ensino se articulam para dar continuidade aos processos que envolvem o lúdico que se iniciam na educação infantil e devem se formalizar nos anos iniciais do ensino fundamental I – Ciclo de Alfabetização. No artigo **A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA** os autores Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida, Universidade, Stefani Monique Vasconcelos, Sheila Marta Carregosa Rocha, buscam investigar o seguinte: De que forma o projeto de extensão intitulado “Universidade Aberta a Terceira Idade” desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia pode contribuir com a inclusão social e otimização do bem-estar dos idosos residentes na cidade de Brumado – Ba. No artigo **AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO**, os autores Helane Santana Cruz e Vínicius Zacarias Maldaner da Silva buscam relatar o caso de uma idosa atendida pela equipe de estratégia saúde da família na cidade de Brasília-Distrito Federal. Método: estudo observacional, do tipo relato de caso, conduzido à uma idosa da comunidade durante a visita domiciliar. Os dados foram coletados por meio do questionário VES-13. No artigo **CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR**, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia e Mara Rúbia Rutzen realizaram uma pesquisa bibliográfica e documental para comparação e discussão com a realidade do Centro de Saúde do Idoso de Blumenau. No artigo **COMO NOS TEMPOS DA “BABA”: A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI**, Matheus Alexandre Razera, Valter Martins analisar diferentes receitas e a prática de preparar cerveja artesanal, descobrir como este saber é aprendido e repassado. Para tanto

utilizamos o método da História Oral e textos teóricos sobre História da Alimentação. No artigo **CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**, os autores José Daniel Soler Garves, Andrezza Santos Flores, Cibele Diogo Pagliarini, Ângela Coletto Morales Escolano buscam discutir a importância do uso consciente da água, os motivos dessa escassez, as consequências do uso inadequado e a necessidade de redução do consumo de água. No artigo **CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)**, os autores Auristela Duarte Moser, Fernanda Cury Martins Teigão, Kethelyn Contente Alves, buscam Construir um instrumento multidisciplinar de avaliação da funcionalidade em idosos institucionalizados baseado na CIF e validá-lo com especialistas da área. No artigo **DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)**, a autora Pamela da Costa Lopes Sales busca apresentar os laços de sociabilidade e as situações de conflito vividos pelos moradores, antes e após a política urbanística de regularização implementada pelo poder público municipal. No artigo **DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”**, os autores Ana Elisa Nardo Caseri e Carmem Lúcia Sussel Mariano buscou-se analisar como o Programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão, abordou as temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil, para apreender que sentidos estão sendo construídos e os usos que têm sido feitos desses temas pela mídia. No artigo **EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: o papel da formação continuada**, os autores Maria Almerinda de Souza Matos, Cátia de Lemos, Claudenilson Pereira Batista buscaram relatar os avanços na educação de uma criança cega a partir da formação continuada para a mãe e a professora. No artigo **ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMAR DO SÉC. XXI**, os autores Marcia Scavinski e Valter Martins analisar mudanças e permanências nas práticas e no ofício dessas benzedadeiras ao longo do tempo, compreendendo as suas práticas curativas, investigando a memória dessas mulheres a partir de depoimentos, relacionando com a história da religiosidade popular.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“¡ISABEL O MUERTE!”: O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA <i>EL CAUDILLO</i> (1973-1975)	
Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski	
DOI 10.22533/at.ed.7601924041	
CAPÍTULO 2	17
OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER	
Claudia Peixoto Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.7601924042	
CAPÍTULO 3	35
A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO	
Camila Cuencas Funari Mendes e Silva Mariele Rodrigues Correa Leonardo Lemos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924043	
CAPÍTULO 4	47
A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA	
Gabriel Pancera Aver	
DOI 10.22533/at.ed.7601924044	
CAPÍTULO 5	61
A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA	
Érica Elisa Nickel	
DOI 10.22533/at.ed.7601924045	
CAPÍTULO 6	69
A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO	
Francisca Janice Silva Ana Paula Fernandes Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.7601924046	
CAPÍTULO 7	80
A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA	
Andréia de Oliveira Militão Angela Maria Sales Barros	
DOI 10.22533/at.ed.7601924047	
CAPÍTULO 8	92
A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE	
Amanda Rebeka Lima de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924048	

CAPÍTULO 9	107
A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ	
Janaiára Maria de Paiva Ferreira Sandra Maria Fontenele Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.7601924049	
CAPÍTULO 10	115
A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS	
Everton Gabriel Bortoletti Laise Ziger	
DOI 10.22533/at.ed.76019240410	
CAPÍTULO 11	122
A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO	
Fernanda Penteado Alison Diego Leajanski Willian Samuel Santana da Roza	
DOI 10.22533/at.ed.76019240411	
CAPÍTULO 12	130
A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA	
Gabriela Cristina Maximo Evandro Fernandes Alves	
DOI 10.22533/at.ed.76019240412	
CAPÍTULO 13	139
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA	
Isa Stavrakas Ana Lee Claudio Rebeca Josiane Ferreira da Silva Sandra Esteves de Camargo Vanessa Alves Duarte de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.76019240413	
CAPÍTULO 14	152
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: OS RITOS DE PASSAGEM E AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O PROCESSO	
Isa Stavrakas Fernanda Alexandre dos Santos Loide Giacometti Bervanger Stefani Leite Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.76019240414	

CAPÍTULO 15	165
A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA	
Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida Stefani Monique Vasconcelos Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.76019240415	
CAPÍTULO 16	174
AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO	
Helane Santana Cruz Vínicius Zacarias Maldaner da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.76019240416	
CAPÍTULO 17	182
CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia Mara Rúbia Rutzen	
DOI 10.22533/at.ed.76019240417	
CAPÍTULO 18	192
COMO NOS TEMPOS DA “BABA”: A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI	
Matheus Alexandre Razera Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.76019240418	
CAPÍTULO 19	207
CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
José Daniel Soler Garves Andrezza Santos Flores Cibele Diogo Pagliarini Ângela Coletto Morales Escolano	
DOI 10.22533/at.ed.76019240419	
CAPÍTULO 20	216
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)	
Auristela Duarte Moser Fernanda Cury Martins Teigão Kethelyn Contente Alves	
DOI 10.22533/at.ed.76019240420	
CAPÍTULO 21	230
DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)	
Pamela da Costa Lopes Sales	
DOI 10.22533/at.ed.76019240421	

CAPÍTULO 22	246
DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”	
Ana Elisa Nardo Caseri	
Carmem Lúcia Sussel Mariano	
DOI 10.22533/at.ed.76019240422	
CAPÍTULO 23	258
EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: O PAPEL DA FORMAÇÃO CONTINUADA	
Maria Almerinda de Souza Matos	
Cátia de Lemos	
Claudenilson Pereira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.76019240423	
CAPÍTULO 24	270
ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMIAR DO SÉC. XXI	
Marcia Scavinski	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.76019240424	
SOBRE A ORGANIZADORA	287

“¡ISABEL O MUERTE!”: O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA *EL CAUDILLO* (1973-1975)

Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski

Universidade Federal de Pelotas

Instituto de Ciências Humanas - Departamento de História
Pelotas/RS

RESUMO: O processo de radicalização política na Argentina durante os anos sessenta e setenta foi marcado pela divisão do peronismo entre grupos guerrilheiros de esquerda, como *Montoneros* e *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) e, de direita, representado pela *Juventud Peronista de la República Argentina* (*La Jotaperra*) e *Juventud Sindical Peronista* (JSP). Em 1974, María Estela Martínez de Perón, também conhecida como Isabel, assumiu a presidência da república após a morte de seu esposo, o general Juan Domingo Perón. Porém, desde sua candidatura ao cargo de vice-presidente, Isabel recebeu o apoio de setores ligados à chamada direita peronista. Este artigo propõe uma análise sobre a aprovação de Isabel Perón como presidente da nação e líder do Movimento Peronista através das páginas do semanário *El Caudillo* durante os anos de 1973-1975. A publicação estava sob a direção de Felipe Romeo, vinculado à *Triple A* (*Alianza Anticomunista Argentina*), organização armada comandada pelo *Ministro de Bienestar Social*, José López Rega. Apesar dos responsáveis da

revista nunca se reconhecerem como de direita, entendemos que é possível classificá-los como tal dentro do espectro político e, portanto, *El Caudillo* pode ser considerada como órgão de expressão da extrema-direita do peronismo.

PALAVRAS-CHAVE: Peronismo, Isabel Perón, extrema-direita peronista.

ABSTRACT: The process of political radicalization in Argentina during the sixties and seventies was marked by the division of Peronism between leftist guerrilla groups, such as *Montoneros* and *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) and, on the right, represented by the *Juventud Peronista de la República Argentina* (*La Jotaperra*) and *Juventud Sindical Peronista* (JSP). In 1974, María Estela Martínez de Perón, also known as Isabel, assumed the presidency of the republic after the death of her husband, General Juan Domingo Perón. However, since her candidature for the post of vice president, Isabel has received the support of sectors connected to the so-called Peronist right. This article proposes an analysis on the approval of Isabel Perón as president of the nation and leader of the Peronist Movement through the pages of the weekly *El Caudillo* during the years 1973-1975. The publication was under the direction of Felipe Romeo, linked to *Triple A* (Argentine Anti-Communist Alliance), an armed organization

led by the Minister of Social Welfare, José López Rega. Although the leaders of the magazine never recognize themselves as right wing, we understand that it is possible to classify them as such within the political spectrum and, therefore, *El Caudillo* can be considered as an organ of expression of the extreme right of Peronism.

KEYWORDS: Peronism, Isabel Perón, Peronist extreme right.

1 | INTRODUÇÃO

No dia do retorno definitivo de Juan Domingo Perón à Argentina, em 20 de junho de 1973 após dezessete anos de exílio, um enfrentamento entre a esquerda do movimento peronista e a direita sindical ofuscou a chegada do maior líder das massas argentinas desde 1945. O episódio, que ficou conhecido como *La Masacre de Ezeiza*, deixou um grande saldo de mortos e feridos. Durante a ausência física de Perón na Argentina, foram anos marcados por intensas batalhas ideológicas entre setores antagônicos dentro do Movimento: a esquerda, liderada por grupos guerrilheiros como *Montoneros*, *Fuerzas Armadas Revolucionárias* (FAR) e *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP) e a extrema-direita, representada pela *Juventud Peronista de la República Argentina* (*La Jotaperra*), *Juventud Sindical Peronista* (JSP) e pelo grupo armado conhecido como *Alianza Anticomunista Argentina* (*Triple A*).

A *Revolución Argentina* iniciada por Juan Carlos Onganía em 1966 começa a declinar quando o general Alejandro Lanusse, presidente de fato, em 1972, propôs o *Gran Acuerdo Nacional* (GAN) a fim de restabelecer o regime político democrático e chamar eleições para 1973. Em março, o peronismo volta à cena política nacional com *el tío* Héctor Cámpora, como uma estratégia do Movimento para preparar a volta de Perón ao poder. Com o lema “*Cámpora al gobierno. Perón al poder*” seu governo durou apenas quarenta e nove dias. Após a renúncia de Cámpora e de seu vice Vicente Solano Lima, assumiu interinamente o presidente da Câmara dos Deputados, Raúl Lastiri, que convocou novas eleições para setembro do mesmo ano. Perón saiu vitorioso do pleito com expressivos 62% dos votos contra seu histórico rival, o radical Ricardo Balbín e o vice Fernando de la Rúa. Juntamente com Perón integrava a chapa sua esposa, María Estela Martínez de Perón, também conhecida como Isabel.

Após a morte de Perón, em julho de 1974, Isabel assume o comando efetivo da nação, tornando-se a primeira mulher a assumir o cargo de presidente na Argentina. Durante seu governo de dezoito meses sofreu com os ataques da esquerda peronista que entoava, entre outros, a frase “*¡Si Evita viviera, Isabel sería copera!*”, deixando claro que não nutriam simpatia pela nova esposa do presidente, diferentemente da *Jotaperra*, grupo da extrema-direita, que lhe demonstrava amplo apoio. Segundo Besoky (2013), a direita peronista se refere às organizações que, reivindicando sua lealdade a Juan Domingo Perón e a Isabel, entraram em confronto político e ideológico com *La Tendencia Revolucionária* do peronismo e com a esquerda em geral. O peronismo estava de volta à Argentina e os anos que se seguiram foram marcados

pela grande violência de ambos os setores.

2 | A VOZ DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA: *EL CAUDILLO DE LA TERCERA POSICIÓN*

Em 16 de novembro de 1973, cinco dias antes do atentado a bomba contra o senador radical Hipólito Solari Yrigoyen, apareceu nas bancas de Buenos Aires o semanário *El Caudillo de la Tercera Posición*. O termo *Tercera Posición* (Terceira Posição), parte do título da revista, sintetizava as coordenadas doutrinárias do grupo e era como Perón se referia à doutrina *Justicialista*: nem comunista, nem capitalista.

A publicação chegava aos quiosques de maneira quase regular, às sextas-feiras. Na direção de *El Caudillo* estava Felipe Romeo, quem levantava a bandeira de intelectuais fascistas e advertia sobre a conspiração judia mundial. A publicação contava com o respaldo do *Ministerio de Bienestar Social*, comandado pelo *brujo* José López Rega, assim como da *Unión Obrera Metalúrgica* (UOM) de Lorenzo Miguel e das *62 Organizaciones*, de Casildo Herreras. O atentado a Solari Yrigoyen foi o cartão de apresentação da *Alianza Anticomunista Argentina (Triple A)*, organização armada que contava com “matones” da *Juventud Sindical Peronista* (JSP) e *Concentración Nacional Universitaria* (CNU).

De acordo com Besoky (2010) em nenhum momento, os responsáveis pela publicação se reconhecem como de direita, referindo-se a si mesmos sempre como peronistas e se apresentavam como católicos, nacionalistas e antimarxistas. O autor acredita que é possível classificá-los claramente como direita dentro do espectro político. Compartilhamos da mesma opinião e para tanto, entendemos aqui, a revista *El Caudillo* como porta-voz da extrema-direita peronista. Em seu número de estreia com título de seu editorial “*La tendencia se acabó: el que manda es Perón*”, Romeo explicou a aparição do novo semanário

Como no existe prensa peronista y todos los medios conspiran por la destrucción, se unen con el negativismo o niegan el triunfo del Pueblo, por eso sale EL CAUDILLO, para lograr la RECONSTRUCCIÓN definitiva. Sabemos que es hora de dejar de pensar con la cartuchera y ponernos a pensar con la cabeza, por eso elegimos este medio de lucha y no decidimos hacer una trichera en la calle. Por esto y porque Perón manda (*El Caudillo*, 16/11/1973, p.2).

A expressão “*dejar de pensar con la cartuchera*”, faz referência aos sequestros e assassinatos atribuídos ao grupo de esquerda *Montoneros*. Em maio de 1970, o grupo sequestrou e assassinou o general Pedro Aramburu, ditador da *Revolución Libertadora*, um dos responsáveis pela queda de Perón em 1955 e pelo desaparecimento do corpo de Evita. A publicação oficial dos *Montoneros* era a revista *El Descamisado*, a qual foi censurada pelo governo, teve circulação entre maio de 1973 e abril de 1974.

O relato da morte de Aramburu foi publicado detalhadamente na revista *La Causa Peronista*, de 3 de setembro de 1974, cujos discursos e estética eram semelhantes

a *El Descamisado* e foi uma continuação desta. O grupo também foi responsável pelo sequestro de empresários a fim de arrecadar fundos, como foi o famoso caso dos irmãos Jorge e Juan Born, herdeiros do império econômico Bunge & Born. Os irmãos foram libertados mediante pagamento de resgate de US\$ 60 milhões, sendo o mais caro da história até hoje. Os dirigentes sindicais, Ignacio Rucci e Augusto Vandor, os quais consideravam traidores do Movimento, foram assassinados e os crimes atribuídos ao grupo de esquerda.

Os integrantes de *El Caudillo* declararam guerra aos militantes da esquerda e aos marxistas, sendo que em um de seus números, denunciou que os quiosques expunham apenas a revista *El Descamisado* e escondiam a sua. A revista também rivalizava com o periódico *Noticias* (censurado durante o governo de Isabel), dirigido por Miguel Bonasso, militante *Montonero*. De acordo com Larraquy (2007), a revista vendeu aproximadamente 9400 exemplares somente na Capital Federal, mas conseguiu arrecadar grande quantidade de dinheiro graças às propagandas do *Ministerio de Bienestar Social* pagas por López Rega. No entanto, não era o dinheiro que motivava Romeo, mas sim o prazer de promover a caça de “infiltrados” no peronismo como marxistas, líderes dos *Montoneros*, principalmente Mario Firmenich, e a todos identificados com a esquerda considerados como traidores. Para eles, era necessário eliminar a inimigo interno e a ameaça comunista. Nos anos sessenta Romeo fez parte da ala da direita sindical peronista do *Movimiento Nacionalista Tacuara* e mais tarde integrou a *Juventud Peronista de la República Argentina* também ligada à *Triple A*.

A revista dirigia suas críticas agressivas e sem eufemismos, nas quais explicitava sentenças de morte ao inimigo. Seus artigos não eram assinados e a única firma presente era a de Romeo nos editoriais. As mensagens de ódio e perseguição eram frequentes tanto nas capas quanto em suas matérias. Uma das seções mais eloquentes da revista era a “¡Oíme!”, a cargo de Salvador Nielsen, com diagramação especial em duas páginas, era o local onde se fustigava e ameaçava a oposição (MURANO; MOYA, 2007).

Em um de seus números anunciou que o assassinato do deputado nacional pelo peronismo, Rodolfo Ortega Peña, estava próximo. De fato, Ortega Peña foi assassinado pela *Triple A* dias depois por haver criticado o governo de Isabel e por ter ligação com a *Juventud Peronista* (ramo da esquerda). O padre Carlos Mugica, ligado a *Montoneros* e representante do *Movimiento Sacerdotes para el Tercer Mundo*, foi outro a quem “¡Oíme!” se dirigiu, assim como personalidades culturais e intelectuais de esquerda. Muitos dos que receberam ameaças decidiram sair do país, entre eles o ex-reitor da *Universidad de Buenos Aires*, Rodolfo Puiggrós, que se exilou no México.

Com o lema “*Las palabras son hembras. Los hechos son machos*”, Romeo desclassificava o movimento *Montoneros* e sua publicação oficial. Muito frequente também são as menções à Sinarquia e o perigo que uma dominação judia podia representar. Em várias de suas edições, *El Caudillo* se dedicou a falar do “marxista barbudo e cabeludo”, em referência a Che Guevara, e se dirigia aos militantes de

esquerda como “*bolches*” (bolcheviques). Em contrapartida, *Montoneros* acusava Isabel, “*la Martínez*”, de encobrimento e conivência pelo funcionamento da *Triple A*, já que nunca fez nada para frear suas ações (SÁENZ QUESADA, 2003).

Exilada na Espanha desde 1981, em 2007 Isabel teve prisão decretada pela justiça argentina por sua relação com a organização criminosa e o desaparecimento de estudantes e militantes de esquerda durante seu mandato. A maioria dos autores sustenta que López Rega exercia grande influência não só nas questões “espirituais” da presidente. O ministro era um estudioso do ocultismo e isso fascinou Isabel que acreditava no poder do *brujo* para comunicar-se com os mortos. *El hermano Daniel*, como ela o chamava, adquiriu imensa importância para decisões do seu governo. No entanto, parece que o peronismo joga toda a responsabilidade dos atos criminosos ao ministro, como forma de não manchar a história do Movimento.

Mesmo com as propagandas pagas por López Rega, a revista teve uma breve interrupção, entre março e setembro de 1975, justificada com a afirmação de que aquele era o momento “*de los hechos*” e o tempo “*de las palabras*” havia terminado (*El Caudillo*, 19/03/1975). Voltou a circular em 15 de outubro e, segundo o editorial, para “*triunfar o morir junto a Isabel*”. A capa trazia como chamada: “*Isabel o muerte. Porque volvemos*”. O texto assinado por Romeo argumenta que

Para nosotros el peronismo se llama Isabel y estamos convencidos de que SIN ISABEL NO PUEDE HABER PERONISMO. El Caudillo vuelve para apoyar al Ejército Argentino en su lucha contra el ejército invasor que pretende suplantar nuestra sagrada Bandera por un sucio trapo rojo [...] para castigar sin piedad a los “Guerrilleros de la retaguardia” [...]. EL ENEMIGO SIEMPRE ELIGE EL METODO, PARA NOSOTROS TODO VALE, PELEAMOS SIN DAR NI PEDIR CUARTEL. Se está con Isabel o contra Isabel. No hay alternativas. (*El Caudillo* 15/10/75, p.3).

O editorial encerra com a frase já famosa do grupo da extrema-direita, porém agora colocando a esposa do falecido líder em destaque: “*Porque es así y porque Isabel Perón manda. EL MEJOR ENEMIGO ES EL ENEMIGO MUERTO. ISABEL PERÓN O MUERTE. ¡VENCEREMOS! Felipe Romeo*”. Após a saída de López Rega do país, a UOM passa a patrocinar a revista e publica propagandas de cunho laudatório a Juan Manuel de Rosas e Perón como exemplos de caudilhos. Romeo, então, soube que seu ciclo estava terminado e decidiu encerrar a revista em dezembro de 1975, três meses antes do golpe que depôs Isabel, para fugir à Espanha. Durante as eleições presidenciais de 1983, Romeo tentou reeditar a revista como ferramenta da campanha eleitoral do Justicialismo. Porém, o candidato do peronismo Ítalo Luder foi derrotado pelo radical Raul Alfonsín e Romeo definitivamente entendeu que era o fim de sua “carreira jornalística”.

Faleceu por complicações cardíacas em 2009, diagnosticado com HIV em um hospital de Buenos Aires. Estava foragido desde 2006, com pedido de captura internacional pela participação em vários crimes da organização *Triple A*. Esteve sob a custódia da justiça, mas quando os médicos informaram que Romeo estava em estado vegetativo, traquiostomizado e sobrevivendo com ventilação mecânica, o juiz

federal Norberto Oyarbide deixou sem efeito sua detenção, já que o suspeito não podia declarar fatos importantes para a investigação e, assim, faleceu livre.

3 | LA PRIMERA DAMA DE LA REVOLUCIÓN NACIONAL JUSTICIALISTA: O DISCURSO A FAVOR DE ISABEL

De acordo com a cientista política Céli Pinto (2006), todo discurso é um espaço de poder, “na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico” (PINTO, 2006, p.92). O discurso político, no entanto, se destaca entre todos os tipos de discurso, pois explicita sua luta pelo poder. Essa imposição pela verdade e a disputa pelo poder está presente nos discursos de *El Caudillo*. Percebemos que, assim como a revista *La Patria Peronista* também ligada à direita do Movimento e em algumas de suas capas estampou o rosto de Isabel, o apoio de *El Caudillo* a presidente vinha desde os tempos em que foi candidata à vice de Perón.

Na edição de 23 de novembro de 1973, a revista publicou uma foto de Isabel sentada à cabeceira da mesa do gabinete presidencial, rodeada por políticos e ministros. Seu discurso era claro: mostrar quem estava no comando. Com o título “*¡Se siente, se siente: Evita está presente!*”, a matéria começa com tom agressivo, dizendo que o inimigo, isto é, a “*imprensa venal y el parloteo marxista*” estavam contra a vice-presidente. O conteúdo refere-se ao momento em que Isabel, pela primeira vez, assumiu a presidência em virtude da ausência de Perón que estava no Uruguai em viagem oficial. O artigo inicia com a frase “*Isabel fue presidente*” e segue enaltecendo a mulher de Perón

[...] fue la fórmula, fue Isabel, fue mujer, fue política, fue caudillo, fue PRESIDENTE”. Todos los grandes caudillos tuvieron grandes mujeres al lado. En esto la historia es terminante. El pueblo siempre las reconoció como tales. Las alentó en la lucha y las convirtió en bandera como a EVITA. Perón siempre supo elegir bien, por eso está con el pueblo, y por eso el pueblo está con él. (*El Caudillo*, 23/11/73. p.3).

A referência a Evita não é por acaso. Eva Perón, segunda esposa do general, falecida em 1952 aos 33 anos vítima de câncer, era conhecida como “*la abanderada de los humildes*” e considerada por seus admiradores como a salvadora do povo argentino que estava sempre disposta a escutar suas aflições. Sua capacidade de cativar as camadas populares parece ter servido de inspiração, vinte anos depois, à Isabel para ter aceitação na campanha eleitoral como vice do marido e, mais tarde, para legitimar seu governo como presidente da nação. Isabel era a sucessora constitucional, a herdeira do sobrenome Perón, do legado que incluía a memória de Evita. Muitos julgaram ser um erro que a escolha de Perón para o cargo de vice-presidente recaísse sobre uma mulher que só tinha o mérito de ser sua esposa (SÁENZ QUESADA, 2016). Assim pensava grande parte da esquerda peronista e setores da oposição.

Em relação a grande aceitação da falecida ex-primeira-dama Eva Perón, que era (e ainda é) unânime entre os peronistas, cabe ressaltar sua dominação carismática e

o poder de despertar ódios e paixões. Segundo Max Weber (1999), como um dos três tipos de poder puro, o carismático é aquele que está na dedicação afetiva à pessoa do chefe (líder) e as pessoas que lhe prestam obediência são seus discípulos. Evita, como era carinhosamente chamada pelo povo, conseguiu uma legião de seguidores e seu carisma transcendeu sua morte e até hoje é possível ver suas fotografias em lares argentinos de orientação peronista. Eva foi toda uma exceção, como afirma Beatriz Sarlo (2005), diferente das demais primeiras-damas que a antecederam. Organizou o ramo feminino do peronismo sob a tutela do *Partido Peronista Femenino* (PPF) e foi porta-voz das mulheres pelo direito ao voto em 1947, questão antes pleiteada sem sucesso pelas feministas Julieta Lanteri, Alicia Moreau e Elvira Rawson (BARRANCOS, 2012).

Ao evocar a memória da segunda esposa de Perón, a revista tentava legitimar Isabel, pois assim como Evita, ela também foi a escolhida do líder e, dessa maneira, deveria ser bem-vinda ao Movimento e receber o apoio de todos os “verdadeiros” peronistas. Diferentemente do que vão fazer os grupos de esquerda, principalmente os *Montoneros*, que diziam não ser contra “*la señora Isabel Martínez*” (não a chamavam pelo sobrenome Perón, pois para eles somente Evita fazia jus ao sobrenome do líder), mas sim a Isabel Martínez como instrumento de burocratas que estavam ao seu redor como Raúl Lastiri, Lopéz Rega, Lorenzo Miguel e Norma Kennedy. Quando seus apoiadores argumentavam que Isabel agora era a quem eles deveriam jurar lealdade, entoavam o cântico: “*¡No rompan más las bolas, Evita hay una sola!*” (SÁENZ QUESADA, 2003, p. 126).

Para Romeo e seus companheiros, a chegada de Isabel Perón ao poder (eles, sim, faziam questão de chamá-la pelo sobrenome a fim de marcar a presença do caudilho) significava, entre outras coisas, “*la presidencia de LA MUJER. La restauración popular y definitiva de LA MUJER destruída por las ligas feministas y por corporaciones machistas*”. Ou seja, entendiam que a figura feminina passava a ser protagonista na política graças ao peronismo, o que não deixa de estar certo, mas em contrapartida negavam a luta das feministas pelos direitos civis. Suas palavras refletiam um momento importante, pois Isabel era a primeira mulher a assumir a presidência de uma nação no mundo. Outras duas mulheres já desempenhavam importante papel político como Indira Gandhi, que naquele momento era a primeira-ministra da Índia e Golda Meir, de Israel. No entanto, foi na América Latina que o cargo de presidente foi ocupado pela primeira vez por uma mulher.

A chegada do sexo feminino em postos de poder real na Argentina foi possível graças à promulgação da lei 13.010/47, durante o primeiro governo de Perón (1946-1951), que concedia às mulheres o direito de votar e serem votadas para cargos legislativos a partir das eleições de 1951. Essa luta pelo reconhecimento das mulheres como cidadãs para exercerem o direito de voto, foi trazida ao debate, como já referimos, graças à empresa de Evita. Segundo a imprensa do país, nas eleições de 11 de novembro de 1951, quase quatro milhões de mulheres votaram pela primeira

vez. Somente o peronismo colocou mulheres em suas listas que teve 23 deputadas e 6 senadoras eleitas. Naquele dia Evita votou pela primeira e última vez, em uma cama de hospital, pois estava internada no Policlínico de Avellaneda em virtude do avançado estágio do câncer que a levou a morte sete meses depois.

Referente a chegada de Isabel à cena política, a publicação também aborda sua escolha para integrar a fórmula presidencial ao lado de Perón, assemelhando-se às falas dos apoiadores de Evita, quando em 1951, chegou a cogitar a possibilidade de ser candidata à vice-presidente ao lado do marido. O segundo número de *El Caudillo* fala sobre ter Isabel neste cargo e que

[...] la posibilidad de que fuera presidenta 'por un segundo' (que daba por tierra con todos los planes trazados en materia política por el sistema) alteraba a los charlatanes más duchos. La sola mención de la fórmula Perón-Isabel, asustaba a idiotas... (*El Caudillo*, 23/11/1973, p.3).

Já na edição de 21 de dezembro de 1973, há uma matéria retrospectiva sobre a política internacional de Perón desde 1972 que, embora estivesse no exílio, não deixou de influenciar nos assuntos políticos do país. Recebe destaque o dia 8 de maio de 1973, ocasião pela qual “*se produjo el ingreso da la mujer argentina en la alta política mundial*”. Isabel, viajou a Pequim com uma mensagem pessoal do general Perón a Mao Tse Tung e, segundo a revista, desempenhou o papel de embaixadora do “Movimento Nacional” na Ásia de maneira estratégica. Isabel também conversou com o primeiro ministro Zhou Enlai e depois seguiu para a Coreia do Norte levando a “*imagen de la política argentina para otro lado del mundo*”.

Não foram encontradas críticas pelo fato da esposa de Perón ter visitado países com lideranças comunistas, considerado por eles como inimigos. Porém, quando Isabel esteve em visita ao Chile de Pinochet, foi criticada ferozmente pela esquerda. Já *El Caudillo* julgava importante manter relações com o país governado pelo ditador que depôs Allende e eliminou a ameaça comunista. Sendo assim, fica explícita a posição dos integrantes da revista frente ao cenário polarizado da época. O que de fato importava era que uma mulher, e não qualquer uma, mas, sim a esposa do líder, desempenhava um importante papel político naquele momento. Não compararam ou fizeram referência a *la gira del arco iris*, isto é, sobre a viagem de Evita pela Europa em 1947, quando passou pela Espanha de Franco e recebeu duras críticas da oposição por estar em um país sob o comando de um ditador.

Apesar de não mencionar o sucesso da viagem de Evita, o número 33 da revista considerou a viagem de Isabel pela Europa, em junho de 1974 como um importante acontecimento e que seu desempenho “*no hace más que confirmar algo que habíamos predicho desde EL CAUDILLO: que su figura comenzaría a crecer políticamente y serviría para marcar muchas pautas en el camino inmediato*”. Em Genebra, seus discursos para delegados na OIT “*llamaron mucho la atención en el ámbito internacional*” e conclui que “*a partir de este momento Argentina ha pasado a ser guía intelectual de uno de los bloques mundiales que ha encontrado definitivamente algo que Perón viene*

suministrando desde 1946: una auténtica deficiencia de Tercera Posición”.

Nesse sentido, *El Caudillo* apresenta um alinhamento total com a presidente Isabel. O editorial de 6 de setembro de 1974, sob o título “*¡HAY QUE JUGARSE!*”, sustenta que “*la oposición a Isabel se radicaliza en la misma medida en que crece su imagen de conductora del Movimiento e del país*”. Declara que Evita, Juan Domingo e Isabel são uma “trilogia indivisível” que é somente questionada pela *Tendencia* e finaliza o texto dizendo que

El Pueblo, el Movimiento, los sindicatos, la Iglesia, las FFAA [Fuerzas Armadas], están con nosotros. La Sinarquía está con ellos. Perón derrotó a la Sinarquía volviendo al país. Nosotros la estamos enterrando con Isabel en el poder. (*El Caudillo*, 06/09/1974, p.3)

Já que Evita, para eles, fazia parte da trilogia do Movimento, em várias edições *El Caudillo* publicou páginas inteiras sempre com letras garrafais, frases atribuídas à *madre de los descamisados*, termo que não era utilizado por fazer menção a sua publicação rival. No número 52 de 26 de novembro de 1974, a segunda página traz a seguinte frase em um fundo preto com letras brancas que ocupam todo espaço “*NO QUEDARÁ UN SÓLO LADRILLO QUE NO SEA PERONISTA. EVA PERÓN*”. Na verdade, era uma paráfrase de um trecho do último discurso de Evita, pronunciado em 1º de maio de 1952

Y yo le pido a Dios que no les permita a esos insensatos levantar la mano contra Perón porque ¡ay de ese día! Ese día yo, mi general, yo saldré con las mujeres del pueblo, yo saldré con los descamisados de la patria, muerta o viva, para no dejar en pie ningún ladrillo que no sea peronista. (PIGNA, 2012, p. 304).

Os apoiadores de Isabel utilizavam as palavras de Evita de forma bastante conveniente ao que a revista *El Caudillo* se propunha e, assim, justificar os discursos de ódio e morte aos “infiltrados” no Movimento através de suas páginas. A edição também dedicou fervorosas homenagens a Evita, trazendo várias páginas com a cobertura do retorno de seu cadáver à Argentina. Quando retorna em definitivo à Argentina, Perón deixa o corpo de Evita em Madri, por julgar não ser o momento apropriado para “devolve-la ao povo”. Logicamente Perón não queria dividir o protagonismo da volta com a ex-primeira-dama. A página 20 traz uma propaganda da UOM, na qual aparece a imagem de Perón e Evita no topo e logo abaixo a de Isabel com a frase “*Gracias Isabel de Perón por hacer realidad el anhelo de millones de argentinos*”.

Segundo a publicação, o desejo de milhões de argentinos era receber de volta o cadáver embalsamado daquela a quem eles veneravam e que alguns ousavam comparar com a presidente. Em outro artigo, com o título “*Gracias España, gracias generalísimo*” agradecem a Franco, mas, sobretudo, a López Rega por haver viajado a Madri para buscar “*los restos preciados de Eva Perón, para que descansen definitivamente en nuestro suelo*”. Como referido anteriormente, o desaparecimento do cadáver embalsamado de Eva Perón foi efetuado pelo general Aramburu, após o golpe de 1955 que derrubou Perón de seu segundo mandato. Em 1957 o corpo foi

levado para a Itália com a ajuda de autoridades da Igreja e foi enterrado secretamente em um cemitério de Milão sob o nome de María Maggi di Magistris, sendo devolvido a Perón quando estava em Madri, paradoxalmente, por outro ditador, Alejandro Lanusse, em 1971.

De acordo com Júlio González (2007), ex-secretário técnico de Isabel, a imprensa escrita na Capital Federal, assim como no interior, tratou muito bem a terceira presidência de Perón, diferentemente de seus dois primeiros governos. Porém, a situação era diferente com jornais e revistas divulgadas por setores juvenis. González afirma que Isabel não teve a [grande] imprensa lhe defendendo. O ex-secretário cita em seu livro a existência de *El Caudillo*, mas não admite que a revista fora apoiadora da presidente e que, talvez por esse motivo, não sofreu censura como as demais publicações de esquerda. Certamente, não queria que de alguma forma a viúva de Perón estivesse ligada a uma imprensa que destilava o ódio e a perseguição a todos que considerassem inimigos, marxistas e *zurdos*. Acrescenta-se a isso, o fato do diretor Felipe Romeo ter tido participação nos crimes da *Triple A*, os quais eram publicados e comemorados em sua revista.

Os decretos para que jornais e revistas fossem fechados de maneira definitiva recaiu sobre *El Mundo*, *Noticias*, *El Descamisado* e *Cabildo*, e foram propiciadas pelo Secretário de Imprensa, Carlos Villone e pelo Ministro do Interior, Alberto Rocamora (GONZÁLEZ, 2007, p.111). *El Caudillo*, que seguia com sua publicação sem restrições, comemorou quando foram censurados jornais, revistas e canais de televisão considerados “marxistas”. Ainda na edição de 26 de novembro de 1974 aparece uma nota com o título “*Estado peronista, cultura y medios de comunicación*” abaixo do título de “*Doctrina*”. O artigo põe-se de acordo com a estatização dos meios de comunicação promovida pelo governo, ao mesmo tempo em que declara “*el cine actual sirve de cloaca de toda la carroña norteamericana y europea*” qualificando de imperialista. Em uma questão a esquerda e a direita peronista convergiam: era necessário barrar o imperialismo e triunfar “*la tercera posición justicialista*”. Porém, os lemas “Pátria Peronista” e “Pátria Socialista” mostravam a divergência dos dois grupos.

4 | “AHORA QUE PERÓN NO ESTÁ”: APOIAR ISABEL “CON TODOS LOS CALIBRES”

Segundo Sáenz Quesada (2016), nos quatro dias que seguiram após a morte de Perón, a Argentina recebeu uma enxurrada de matérias que falavam sobre o luto e a dor da perda do presidente eleito três vezes pelo povo. No dia 12 de julho, a capa do *El Caudillo* apresenta uma faixa preta sob seu nome e o título “*El Pueblo con Isabel*”, complementado na contracapa “*No está sólo*”, mostrando que apesar do líder haver falecido, o “*Pueblo*” estaria sob a liderança de Isabel. No editorial “*Todo el pueblo llora a Perón*” diz que

[...] nosotros que gritamos hasta llagar la garganta el nombre de Isabel para que el grito sea el prologo de la bala con que cortaremos las ambiciones de los cuervos, porque Perón nos lego el poder para que Isabelita lo custodie. (*El Caudillo*, 12/07/1974, p.9).

Para os membros de *El Caudillo* renegar a condução de Isabel Perón ou questionar a Lorenzo Miguel e Casildo Herrera, dirigentes da CGT e das 62 Organizaciones, respectivamente, significava renunciar ao peronismo. Na seção *¡Oíme!* (que a partir do número 33 passa a intitular-se “*¡Oigame!*”) que, em muitos números serviu para intimidar inimigos e ameaça-los, na edição que saiu onze dias após a morte de Perón, se dirigia ao velho general com tom respeitoso e demonstrando o apoio a sua viúva

¡Oigame, general! [...] [usted] nombro heredero suyo al Pueblo y puso a su frente, hasta que ese Pueblo en que usted confiaba quiera consagrar a un nuevo Caudillo, a Isabel. Usted, mi general, sabía que la fortaleza estaba en el Pueblo y por eso no titubeó en elegir a esa frágil mujer para una misión que ha de ser heroica. En ella – unida a usted, mi general, por lazos de amor y de lealtad [...]. Confiando en que ella, al frente de su Pueblo y defendida por los peronistas de primera línea, sabrá continuar la lucha por la Argentina que queremos. (*El Caudillo*, 12/07/74, p.12).

Na mesma edição, no artigo “*Isabel no está sola*”, “os verdadeiros peronistas” argumentam que quando lutaram pelo retorno do peronismo e votaram na chapa Perón-Perón sabiam o que estavam fazendo, isto é, reconheciam que a vice era a esposa do líder e possuía legitimidade. Repetem várias vezes que Isabel não está sozinha, reafirmando seu apoio, que o povo a acompanha e que “*la guía el espíritu del Caudillo y la orienta el alma de Evita inmortal*”. Afirmam que María Estela Martínez de Perón tem aptidão e formação para a liderança política, lembrando que ela teve anos de aprendizagem com Perón no exílio. Essa é opinião de seus editores, os quais certamente estavam entre os apoiadores de Isabel quando, pela primeira vez, em 1965, viajou à Argentina no papel de delegada pessoal de seu esposo.

Desde 1955, quando se conheceram no Panamá, tudo faz crer que Perón teve tempo suficiente para instruir e iniciar Isabel na política. Ela o acompanhou em seu longo exílio de quase dezoito anos, passando por dificuldades e vivendo com poucos recursos financeiros. Mostrou lealdade ao homem que foi expulso de seu país e que não possuía mais nenhum bem material, pois a *Revolución Libertadora* lhe subtraiu tudo que podia até mesmo o direito de pronunciar seu nome e de sua falecida esposa. O casal passou por situações de risco em Caracas quando o medo de atentados era constante e uma bomba chegou a destruir o automóvel do ex-presidente (LARRAQUY, 2007). Receberam auxílio dos ditadores Somoza (Nicarágua) e Trujillo (República Dominicana) no curto exílio em seus países para depois se fixarem definitivamente em Madri sob a ditadura franquista.

Em nenhum momento Isabel separou-se de Perón e, por esse motivo, Romeo e seus companheiros, afirmavam que ela foi leal ao general e incansável em fortalecer, consolidar e unir o justicialismo. Porém, estavam equivocados, pois tudo que Isabel não fez foi unir o Movimento, caso contrário o peronismo não estaria dividido e a verdadeira história do terror de Estado do terceiro governo peronista não estaria na

penumbra (SÁENZ QUESADA, 2016). Um exemplo sombrio dessa história foi quando, em fevereiro de 1975, Isabel assinou decretos para aniquilar elementos subversivos na província de Tucumán, no norte da Argentina, região na qual era dominada pelo ERP, *Ejército Revolucionário del Pueblo*, (de orientação marxista/trotskista e não peronista), sob a liderança de Mario Roberto Santucho.

O chamado *Operativo Independencia* foi uma das formas mais ostensivas do terrorismo de Estado durante o governo de Isabel. O aval para o aniquilamento “*del accionar subversivo*” se estenderia a todo território nacional e foram esses decretos e o escândalo do cheque *de la Cruzada* que a colocariam no banco dos réus depois do golpe de 1976. Isabel foi acusada de ter utilizado fundos da *Cruzada de Solidaridad Justicialista*, instituição benéfica que seria uma espécie de *Fundación Eva Perón*, para fins pessoais e pagamento de parte da herança das irmãs de Evita, que há muitos anos estavam em litígio na justiça, antes mesmo da morte de Perón.

Ainda sobre a legitimidade de Isabel no cargo, a publicação de 19 de julho de 1974 traz na capa o título: “*ISABEL NO ES LA HEREDERA DE PERÓN*” e na contracapa “*ES PRESIDENTE POR MÉRITO PROPIO*”. Antes do editorial assinado por Felipe Romeo, a publicação traz a frase “*ni alianzas ni pactos con el enemigo: apoyar fanaticamente a Isabel es el deber de la hora*”. A expressão “apoiar fanaticamente” era muito utilizada por Evita em seus discursos com relação a Perón. Mais uma vez, a publicação usa uma paráfrase de falecida ex-primeira-dama para justificar seus discursos. Fica bastante claro que, para *El Caudillo*, Isabel tinha capacidade e entendimento necessário, além de legitimidade para governar, pois

María Estela Martínez de Perón, es presidente de los argentinos por mérito propio, por voluntad popular, por haber sido elegida por nuestro Líder y apoyada por todo nuestro Pueblo. Isabelita no es presidente por un mandato testamentario, sino por sus largos años de militancia, por su capacidad, lealtad y trabajo demostrados al lado de Perón en todos ellos. (*El Caudillo*, 19/07/1974, p.3).

Acrescentam que “*siete millones y medio de votos la respaldan en su gestión*” e concluem que estão ali para fazer a Revolução e cumprir a sangue e fogo o mandato de Perón. Em outras palavras, para eles, apoiar Isabel “até a morte” significava a possibilidade de transformar em realidade os postulados do *Justicialismo*. O editor ainda sugere que o apoio à presidente significa o mesmo que apoiar ao general Perón, uma vez desaparecido fisicamente, transferiu seu poder a sua esposa. Mas como que os demais militantes iriam aceitar que Isabel ocupasse o lugar do maior líder do *Movimiento Justicialista*? Não era uma tarefa simples. Poderia haver peronismo sem Perón? Para a direita peronista, valia a pena insistir que a viúva poderia preencher o vazio deixado pelo velho caudilho. O *staff* da revista estava implicado com Isabel, tanto que não poucas vezes, inclusive, aparece um “*nosotros*” (nós) compreendido nas decisões do governo em suas matérias.

Romeo e seus companheiros defendiam a reorganização da CGT com uma “*imagen de fuerza*” que nos poucos dias de governo de Isabel já havia sido evidenciado.

Para eles, os primeiros atos de governo de María Estela Martínez de Perón, deixavam claro que ela estava disposta a inaugurar um estilo “forte” e uma forma de atuar que não deixasse lugar para muitas réplicas, já que “*se puede asegurar que el timón del país está dirigido por manos firmes y decididas. La que estaba conceptuada como la ‘mejor alumna’ de Perón está demostrando serlo*”. Finalmente, na publicação do dia 19 de março de 1975, aparecem mencionados os aliados de *El Caudillo*, peronistas conhecidos por suas ideias conservadoras, entre eles, dirigentes ligados à direita sindical, interventores e ministros

Hemos apoyado a Lorenzo Miguel, José López Rega, Raúl Lacabbane, el teniente Coronel Navarro, Oscar Ivanissevich, Ricardo Otero, Casildo Herreras, etc. y –no por causalidad- todos ellos tienen la confianza de la compañera Isabel y desempeñan papeles importantes para el futuro justicialista. (*El Caudillo* 19/03/1975, p.4).

Em um de seus últimos números, um dos poucos em que aparece uma imagem na capa, traz a foto de Isabel em um aperto de mãos com Lorenzo Miguel, líder dos metalúrgicos. No final do ano de 1975, Isabel se licencia do cargo alegando um quadro esgotamento e leve de depressão. Assume, então, Ítalo Argentino Luder, presidente da Câmara dos Deputados como interino até a volta da presidente. Com o título da capa “*Señora cuente con nosotros*”, na página antes do editorial lê-se a frase “*No hay peronismo sin Isabel*”. Esta frase relembra o pacto proposto pelo líder sindical Augusto Vandor, que durante o exílio de Perón, sugeria um “peronismo sin Perón” o que acabou propiciando uma facção dentro do peronismo denominada “vadorismo”, a qual não foi bem recebida pela esquerda e culminou, através do *Operativo Judas*, em seu assassinato em 1969.

Aos membros da direita peronista se consideravam como “peronistas verdadeiros” e, como tal, deveriam defender ferozmente o término do mandato da presidente o que acabava por irritar a esquerda que não enxergava em Isabel a continuidade do peronismo e muito menos que ela pudesse ser a verticalidade do Movimento. Onde ficaria a personificação do poder na pessoa de Perón, líder incontestável do *Justicialismo* a quem a esquerda peronista considerava comandante da revolução tão sonhada pelos quadros de sua “*juventud maravillosa*”? Nesse caso, para os militantes da direita, Isabel estava sendo equiparada ao líder, uma vez que foi ele quem a escolheu e por isso deveria ter todo o respaldo de seus seguidores. Essa aproximação que *El Caudillo* faz com a figura de Isabel e a de Perón mostra que os responsáveis se colocavam como mediadores para que a militância mais inclinada à aceitação da presidente a reconhecesse como a nova líder.

Segundo Eric Wolf (2003), o mediador precisa ter a capacidade de comportar-se de forma apropriada nos diferentes ambientes em que circula, para agir como um amortecedor entre o que o autor denomina de “grupos orientados para a nação e grupos orientados para a comunidade” (WOLF, 2003, p.82). Sendo assim, a revista servia aos interesses do grupo atuante em nível nacional, tanto a presidente como os grupos sindicais e promoviam a mediação entre o governo e os militantes do

partido, sobretudo entre os simpatizantes da direita peronista. Percebe-se, então, o total engajamento em defender o mandato da *señora de Perón*, uma vez que ela era, agora, a voz a quem eles deveriam prestar obediência.

O último número de *El Caudillo* saiu às bancas três meses antes do golpe chamado de *Proceso de Reorganización Nacional* liderado pelo general Videla, o almirante Massera e o brigadeiro Agosti. O lema “*seguí luchando Isabel, seguí luchando, seguí luchando que te vamos a apoyar*” aparece em suas derradeiras edições quando o governo já estava agonizando. Com essas frases de amparo alguns grupos gritavam na *Plaza de Mayo* pouco antes de ver a saída do helicóptero que a “raptou” da Casa Rosada na madrugada de 24 de março, mesmo dia em que foi detida pela Junta Militar. Isabel cumpriu parte de sua prisão em uma residência em Neuquén chamada *El Messidor*, totalmente isolada de tudo e todos. A ditadura lhe concedeu liberdade em 1981 e, desde então, a primeira mulher presidente dos argentinos vive exilada em Madri de forma bastante discreta e evitando falar com a imprensa.

Isabel regressou à Argentina em 1983 quando foi convidada pelo presidente recém-eleito Raúl Alfonsín para que participasse da sua cerimônia de posse. Voltaria outras vezes ao país, talvez com a ideia de retornar à atividade política. No momento em que o país era governado por Carlos Menem (1989-1999), com quem nunca teve uma boa relação, foi quando percebeu que sua presença nunca fora reivindicada na Argentina, nem mesmo pelos peronistas que eram governo naquele momento, sendo que praticamente ignoraram sua ida ao país (SYLVESTRE, 2016).

Passados mais de 40 anos do golpe que a depôs, falar sobre o período em que Isabel Perón foi presidente segue sendo um tabu na sociedade argentina, pois muito tem a ver com sua ligação com a extrema-direita do Movimento e das lembranças desagradáveis vividas durante os duros anos de repressão dos governos das Juntas Militares.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo procuramos demonstrar como a revista *El Caudillo de la Tercera Posición*, mesmo não se declarando como uma publicação da direita peronista, possuía um discurso pró-Isabel e de aniquilação dos infiltrados e traidores. Seu tom ameaçador através do slogan “*el mejor enemigo es el enemigo muerto*”, suas sentenças de morte e a vinculação com a *Triple A* não deixam menor dúvida sobre os valores de seus idealizadores. Isabel Perón assumiu a presidência em um contexto bastante conturbado, não só pelo vazio deixado por Perón, mas também em um momento de forte radicalização política e predominância de ditaduras militares na América Latina.

El Caudillo rivalizou com a principal publicação da esquerda peronista, *El Descamisado*, a qual ao longo de sua circulação pode ser observado um sistemático afastamento do poder. Os responsáveis pela revista reconheciam a importância de

uma mulher estar ocupando o mais alto cargo político do país, mas não qualquer mulher, mas sim, a “*mejor alumna*” de Perón. Através de suas capas e artigos que defendiam a legitimidade de Isabel no cargo, a revista se constituiu em um apoiador incansável que teve de se retirar de cena quando o cerco estava se fechando e a chegada dos militares na cena política era algo iminente.

Sendo assim, se não fosse o apoio de um desses setores (o mais conservador) através da imprensa, talvez Isabel não tivesse permanecido durante dezoito meses na presidência (desses, nove foram sem a presença de López Rega). Isabel não teve de fato a grande imprensa lhe apoiando, mas *El Caudillo* pode ser considerado como o maior defensor de seu governo ao jurar lealdade quase até o fim.

REFERÊNCIAS

BARRANCOS, Dora. **Mujeres entre la casa y la plaza**. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.

BESOKY, Juan Luis. *La revista El Caudillo de la Tercera Posición: órgano de expresión de la extrema derecha*. **Conflicto Social**. Ano 3, n. 3, junho 2010. p. 7-28.

_____. *La derecha peronista en perspectiva*. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Cuestiones del tiempo presente (2013). Disponível em <http://journals.openedition.org/nuevomundo/65374> Acesso em 29 junho 2018.

GAMBINI, Hugo. **Historia del Peronismo. La violencia (1956-1983)**. Buenos Aires: B de Books, 2016.

GONZÁLEZ, Júlio. **Isabel Perón: intimidades de un gobierno**. Buenos Aires: El Ateneo, 2007.

IRIBARNE, María Clara. *Los semanarios El Descamisado y El Caudillo: antagonismos y filones de una cultura política compartida*. **Estudios**. n.34, Jul-Dez, 2015, p. 51-78.

LARRAQUY, Marcelo. **López Rega. El peronismo y la Triple A**. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007.

MOYA, Alberto; MURANO, Adrián. *Los intelectuales del brujo*. **Veintitrés**, n.450, 15 de fevereiro 2007. p.20-24.

Murió Felipe Romeo, vocero de la banda de ultraderecha “Triple A”. **Clarín**, Buenos Aires, 05 de maio de 2009. Online. Disponível em https://www.clarin.com/ediciones-anteriores/murio-felipe-romeo-vocero-banda-ultraderecha-triple_0_ry5Ok9RpKe.html acesso em 29 jun 2018.

PIGNA, Felipe. **Evita: jirones de su vida**. Buenos Aires: Planeta, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Elementos para uma análise de discurso político*. **Barbarói (UNISC)**, v.24, p. 87-118, 2006. Acessado em 30 abr. 2018. Online. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605> acesso em 18 mai 2018.

SÁENZ QUESADA, María. **Isabel Perón. La Argentina em los años de María Estela Martínez**. Buenos Aires: Planeta, 2003.

_____. **La primera presidente: Isabel Perón - una mujer en la tormenta**. Buenos Aires: Sudamericana, 2016.

SARLO, Beatriz. **A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón e Montoneros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SYLVESTRE, Gustavo. **Intrigas, alianzas y traiciones: el detrás de nuestra democracia**. Buenos Aires, Ediciones B, 2016.

WEBBER, Max. *A dominação carismática e sua transformação*. In: **Economia e Sociedade: fundamentos da sociedade compreensiva**. Brasília: Editora UNB, 1999. p. 323-356.

WOLF, Eric. *Aspectos das relações de grupos em uma sociedade complexa: México*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). **Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf**. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Ed. Unicamp, 2003, p. 73-91.

El Caudillo de la Tercera Posición (novembro de 1973- dezembro de 1975) - 73 números.
Disponível em <http://www.ruinasdigitales.com/el-caudillo/listado-de-numeros/> acesso em 29 abril 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-276-0



9 788572 472760